

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

28 de Setembro de 2022

JOÃO BOTELHO – FILMES SÃO HISTÓRIAS, CINEMA É O MODO DE AS FILMAR

PEREGRINAÇÃO / 2017

Um filme de João Botelho

Argumento: João Botelho, a partir de “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto (publicado em 1614) / *Diretores de fotografia (digital, cor, formato panorâmico):* João Ribeiro, Luís Branquinho / *Cenários:* Gonçalo Pires / *Figurinos:* Silvia Grabowski / *Música:* Luís Bragança Gil, Daniel Bernardes, a partir de “Por Este Rio Acima”, de Fausto Bordalo Dias / *Montagem:* João Braz / *Som:* Francisco Veloso (gravação), Tiago Inuit (montagem), Paulo Abelho e Elsa Ferreira (misturas) / *Interpretação:* Cláudio da Silva (*Fernão Mendes Pinto/António Faria*), Catarina Wallenstein (*Maria Correia de Brito*), Martins Barbeiro (*Fernão Mendes Pinto em jovem*), José Neto (*o tio de Fernão Mendes Pinto*), Marcello Urgeghe (*Capitão Pedro Faria*), Mina Andala (*a princesa-mãe*), Fernando Rodrigues (*o taberneiro*), Filipe Vargas (*um fidalgo espanhol*), Jani Zhao (*Meng*), Dinarte Branco (*Talagrepo*), Pedro Lacerda (*Capitão Fusto*), João Cabral (*Pedro Gaspar Gonçalves*), Márcio Laranjeira (*Felipe II*), António Simões (*o rei dos Batas*).

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Cópia:* dcp, cor / *Duração:* 110 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (auditério da Fundação Gulbenkian), 29 de Outubro de 2017; distribuição comercial a 1 de Novembro de 2017, a nível nacional / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

No corpo a corpo que passou a travar há mais de dez anos com *grandes textos* da literatura portuguesa, cujo “ensaio geral” foi **A Corte do Norte**, João Botelho ousou e conseguiu filmar o infilmável **Filme do Desassossego**, para depois lançar-se em dois textos filmáveis, ainda que não facilmente: **Os Maias** e **Peregrinação**. Separados por três séculos (o de Fernão Mendes Pinto publicado trinta anos depois da sua morte, teria sofrido, segundo os especialistas, diversas alterações, por obra e graça da Companhia de Jesus), estes dois clássicos entroncam-se em dois géneros cinematográficos igualmente clássicos: a transcrição de grandes romances oitocentistas (que foram o modelo da narrativa cinematográfica) e os filmes de aventuras, ambos quase tão antigos quanto o cinema. O livro de Fernão Mendes Pinto pertence duplamente à literatura de viagens e à *literatura dos descobrimentos*, à qual nunca faltam ênfase, jactância e empáfia, além de uma singular mistura de veracidade e desmedida imaginação. Pero de Magalhães Gândavo, por exemplo, nascido cerca de trinta anos depois de Mendes Pinto, no seu relato sobre a fauna do Brasil acrescentou à descrição de animais muito reais, desconhecidos pelos europeus (o tatu e o papa-formigas, por exemplo), alguns outros que nunca existiram a não ser na cabeça dele. Na sua carta-relatório de Abril de 1500 ao rei, Pero Vaz de Caminha, provavelmente impressionado com a densidade da vegetação que viu, escreveu que naquela terra “*em se plantando tudo dá*”, quando os membros da expedição de que ele fazia parte não tiveram tempo de plantar nada e ainda menos de constatar “se dava”. Na sua mistura de verdade e fantasia, a relação de Fernão Mendes Pinto (embora não se saiba se é mesmo só dele) sobre algumas velhíssimas civilizações pelas quais roçou na Ásia não parece muito diferente do que foi escrito à mesma época sobre as selvas e praias sul-americanas e aqueles que as habitavam.

Peregrinação, primeiro *best-seller* da língua portuguesa - embora não seja fácil, mesmo para um leitor experiente, ler com plena fluência textos anteriores ao século XVII, de tal modo a língua e a maneira de usá-la mudaram - costuma ser considerado como uma mistura de relato de viagens e romance de aventuras. Ciente disso, João Botelho aborda a narrativa precisamente por este ângulo: “*O livro é uma mistura de memórias de coisas verdadeiras e outras que lhe contaram ou que ele inventou, aqueles povos e aquelas aparições. Delírios, mas tradições chinesas que ele meteu lá dentro. Ele esteve no Oriente, mas nunca esteve na China continental. Ficou-se pelo litoral, mas fala de Pequim. Ele põe-se em todos os acontecimentos onde os portugueses estiveram, como se estivesse lá*”. No entanto em termos cinematográficos isto pouco importa, pois ao ser transcrito para o cinema, um livro – qualquer livro – é uma simples matéria-prima. No programa da ante-estreia de **Peregrinação** Botelho refere-se ao conteúdo do livro como idêntico ao de “*um filme de aventuras*”, o que é uma descrição muito apropriada. É evidente que Botelho não se ia ater a um filme de aventuras puro e simples, à maneira dos filmes do período clássico destinado ao público infanto-juvenil, que ele tanto viu e apreciou, e tentou

*“transformar as inacreditáveis aventuras deste herói pícaro num filme contemporâneo. Captar a palpitação viva e humana de uma das maiores aventuras históricas do Homem”. Para tanto, tomou “algumas liberdades”, a mais inteligente das quais foi aceitar “de Aquilino Ribeiro a ideia genial e tão justa cinematograficamente de que o corsário António Faria é um heterónimo de Fernão Mendes Pinto, onde ele se esconde quando a ferocidade e a crueldade das descobertas aparecem”. Em suma, “o bem e o mal estão na mesma pessoa. Os dois lados, o lado místico, religioso e o lado da pilhagem”, o que resume a aventura dos descobrimentos e da expansão colonial, em que a pilhagem pura e simples não excluiu a troca de conhecimentos e engendrou inúmeros cruzamentos culturais. Devido a esta pessoana ideia do heterónimo, que não é um duplo, um *doppelgänger*, embora seja um personagem imaginário, os dois personagens ou as duas faces do mesmo personagem são encarnados pelo mesmo ator e a narrativa alterna entre o dizer e o fazer, isto é, entre as aventuras de Fernão Mendes Pinto na Ásia e os seus relatos à mulher e às filhas, início da contaminação do real pela imaginação, pela ficção. Também a pessoa e o personagem do aventureiro e escritor são duas, como resume Fernando Cabral Martins, num texto de análise global da obra de Botelho: no “processo narrativo de Fernão Mendes Pinto, pelas suas características específicas de efabulação (...) as histórias que se contam são sempre tingidas pelo ato de as contar”.*

Do ponto de vista formal, Botelho parece ter optado por um certo hibridismo, o que na lógica do seu cinema era a melhor solução, talvez a única. Elementos vindos do cinema clássico são metamorfoseados em elementos do cinema contemporâneo. Como num filme de aventuras dos anos 50, a imagem de **Peregrinação** é em formato panorâmico e antes da rotação propriamente dita Botelho fez uma estadia na Ásia acompanhado por um operador de câmara. Desta breve peregrinação contemporânea foi trazido um rico e sedutor material, parcimoniosa e habilmente utilizado em *back projections*, aquelas imagens em movimento projetadas num ecrã por detrás dos atores que são um dos efeitos especiais artesanais mais característicos do cinema clássico. Em vez do assumido artifício das telas pintadas e dos cenários de cartão, vemos imagens de autênticas paisagens, edificações e estatuária asiáticas, que tentam dar ao espectador a sensação de que são vistas pela primeira vez, tal como foram vistas pelos europeus do século XVI. Em vez de acentuar o contraste entre a estreiteza do espaço de uma caravela e a imensidão do oceano, Botelho joga com o contraste entre o barco e as vastidões das velhas culturas da Ásia, sem esquecer, num interlúdio, uma passagem por uma corte em África, continente que num futuro não muito distante seria vítima da maior ferocidade colonial, mancha indelével e crime imprescritível naquela que foi *“uma das maiores aventuras históricas do Homem”*.

Botelho declarou ter concebido o filme *“como um musical”*, uma afirmação talvez um pouco exagerada, apesar da intercalação de partes cantadas pelos marinheiros, em intervenções que talvez sejam reminiscências de Brecht, pois as partes cantadas interrompem e comentam a ação. Uma das intervenções cantadas tem lugar no desenlace do filme, que se passa em três breves etapas: vemos o manuscrito e o seu ponto final, seguido por uma intervenção do coro e o último plano, o ponto final, é a quilha de um barco em movimento e o mar, trazendo-nos de volta ao princípio de tudo: não ao livro de Fernão Mendes Pinto, mas a expansão do espaço e da mente que resultou dos *descobrimentos*.

Antonio Rodrigues